

“Museu Nacional, a fênix”: a comunicação organizacional em prol da reconstrução de histórias e memórias¹

Alessandra de Figueredo Porto

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro/RJ

IBMEC, Rio de Janeiro/RJ

Márcio André Cardoso de Faria Martins

Trevo Soluções em Comunicação, Rio de Janeiro/RJ

Resumo

Em junho de 1818, a cidade do Rio de Janeiro passou a abrigar a instituição que seria responsável pela disseminação do estudo das ciências naturais no país: o Museu Nacional. Localizado na Quinta da Boa Vista desde 1892, o museu é o mais antigo do Brasil. A instituição completou duzentos anos em junho de 2018, comemorados com variada programação cultural. Todavia, em setembro de 2018, um incêndio destruiu grande parte do seu acervo de 20 milhões de itens. A partir de então, teve início o projeto de reconstrução do Museu Nacional. Tal processo partiu de um minucioso trabalho de comunicação, visando demonstrar que as chamas não destruíram a identidade da instituição - assunto a ser tratado no presente artigo.

Palavras-chave: Museu Nacional; Assessoria de Imprensa; Comunicação de Crise; Identidade; Memória.

1. Introdução

Fundado na cidade do Rio de Janeiro em 6 de junho de 1818 através de decreto assinado por Dom João VI (responsável pela transferência da corte portuguesa para o Brasil), o Museu Nacional é o maior museu de história natural da América Latina.² É a mais antiga instituição do Brasil, e inicialmente foi chamada de Museu Real.³ É interessante observar que, em virtude da sua paixão pelas ciências naturais, a imperatriz austríaca Carolina Josepha Leopoldina (1797-1826) teve papel de destaque na criação do então Museu Real (DANTAS, 2007). O Museu Real permaneceu sediado no Campo de Santana até 1892, e posteriormente foi transferido para a Quinta da Boa Vista, em São Cristóvão (zona norte da cidade).⁴ Situado no antigo Palácio Imperial de São

1 Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 2 (GT2): Consumo, Comunicação e Organizações, atividade integrante do XIV Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas.

2 Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/a-camara/visiteacamara/cultura-na-camara/historia-arte-e-cultura/exposicoes-2019/o-museu-nacional-vive-memorias-e-perspectivas>> Acesso em: 10 jan.2020.

3 Disponível em: <<https://www.museus.gov.br/museu-nacional-completa-200-anos-de-criacao/>> Acesso em: 10 jan.2020.

4 Disponível em: <<https://ufjf.br/noticia/2019/09/20/ufjf-lanca-documentario-sobre-o-resgate-do-acervo-do-museu-nacional>> Acesso em: 12 jan.2020.

Cristóvão, o Museu Nacional foi idealizado com o objetivo de propagar o conhecimento e o estudo das ciências naturais em terras brasileiras.⁵

No dia 2 de setembro de 2018, um incêndio destruiu o museu, quando a estrutura do prédio e grande parte do acervo foram perdidas. A tragédia aconteceu no momento em que o Museu Nacional despertava grande atenção da sociedade e da mídia devido ao seu bicentenário, comemorado no dia 6 de junho de 2018. Tanto na comunidade científica quanto na sociedade em geral, o trágico incêndio do Museu Nacional causou grande comoção no país. Desesperados, vários pesquisadores, cientistas, professores e funcionários adentraram as salas esfumaçadas da instituição, com o objetivo de resgatar objetos e peças do acervo logo após o início das chamas. Visando levar o maior número possível de gavetas contendo moluscos do inventário de espécimes da fauna da América do Sul, o professor Paulo Buckup (do Departamento de Biologia do Museu Nacional) se juntou a outros colegas que arrombaram portas de gabinetes do museu, antes que o fogo se alastrasse totalmente pelas suas dependências.⁶ Cristiana Serejo (vice-diretora do Museu Nacional) também teve que provocar um arrombamento para salvar equipamentos. Em reportagem do G1, Cristiana declarou: “*Consegui salvar parte do equipamento: lupa, microscópio; algumas coisas básicas, coisas mais caras. A gente arrombou uma porta, e conseguimos tirar. Mas praticamente o resto tudo foi embora.*”⁷

Mas era preciso prosseguir em meio às cinzas. E somente o esforço coletivo possibilitaria a sobrevivência do Museu Nacional, pois “uma infelicidade comum tem os mesmos efeitos que a chegada de um acontecimento feliz: aviva os sentimentos coletivos que, por isso, levam os indivíduos a se procurar e a se aproximar” (DURKHEIM, 1996, p. 437). Dias após o incêndio, pesquisadores (e até servidores aposentados) ajudavam na retomada de aulas e pesquisas na Quinta da Boa Vista. E na tarde do dia 5 de setembro (na 4ª feira depois do incêndio), professores acompanhavam a defesa de uma tese de doutorado em Arqueologia no Horto Botânico (uma extensão do museu dentro da Quinta Boa Vista).⁸ O Museu Nacional precisava se manter vivo.

Sendo assim, entender os processos comunicacionais envolvidos na reconstrução do Museu Nacional após o incêndio constitui o eixo do presente trabalho, bem como

5 Disponível em: <<https://www.museus.gov.br/museu-nacional-completa-200-anos-de-criacao/>> Acesso em: 12 jan.2020.

6 Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45398164>> Acesso em: 10 jan.2020.

7 Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/09/03/museu-nacional-teve-90-de-seu-acervo-perdido-em-seis-horas-de-incendio.ghtml>> Acesso em: 02 fev.2020.

8 Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/esforco-coletivo-tenta-manter-funcionamento-do-museu-nacional-23044252>> Acesso em: 02 fev.2020.

analisar as imbricações entre identidade, memória e expressão dos valores e sentimentos coletivos na campanha “Museu Vive”.

2. Museu Nacional: breve histórico e importância na cultura brasileira e mundial

No ano de 1808, a Corte Portuguesa se transferiu para o Rio de Janeiro, visando fugir do Bloqueio Continental decretado por Napoleão Bonaparte (ABREU, 2000). O Museu Nacional foi inaugurado dez anos após a chegada da Corte: no dia 6 de junho de 1818, conforme aponta Dantas (2007, p. 80):

(...) por decreto de d. João VI (1767-1826) e execução do ministro do Reino, Thomas Antonio de Villanova Portugal, foi criado o Museu Real. Como primeira providência, foi adquirido o prédio de Pereira d’Almeida, o futuro barão de Ubá. Para dirigir o Museu, foi convidado o Fr. José da Costa Azevedo (1818-1823), o mesmo responsável, na Academia Militar, pelo Gabinete Mineralógico e Físico.

Ainda segundo a autora (2007), a atuação da imperatriz Leopoldina foi de suma importância na idealização do então Museu Real da Corte do Rio de Janeiro - posteriormente chamado de Museu Imperial e Nacional, e depois Museu Nacional. Kellner (2019) ressalta que a imperatriz era uma mulher esclarecidíssima, influenciando inclusive no processo que culminou na independência do Brasil. Leopoldina proporcionou o intercâmbio de materiais com o Gabinete das Ciências Naturais em Viena; e ao encaminhar uma carta ao diretor da instituição em abril de 1820, escreveu:

Caro Schreibers! Quero ralhar um pouco com V. S., pois não me manda nem minerais nem conchas; pode persuadir-se de que minha paixão relativa a todos os ramos da história natural está crescendo cada dia, e o Brasil, tão ricamente abençoado pelo Criador, está me fornecendo bastantes oportunidades para aperfeiçoar-me. (OBERACKER JR., 1973, p. 155)

Ou seja, D. Leopoldina não poupou esforços para a criação do museu, já que “a nossa primeira imperatriz sabia o valor da ciência e tinha uma boa noção sobre a importância do desenvolvimento cultural de um país” (KELLNER, 2019, p. 5). Em 1937, o Museu Nacional foi incorporado à Universidade do Brasil (atual UFRJ) pela Lei nº 452, mas tal incorporação foi efetivada apenas em 1946 (DANTAS, 2007).

Composto por mais de 20 milhões de itens ao longo de dois séculos, a formação do acervo do Museu Nacional ocorreu inicialmente do seguinte modo: transferência de instrumentos, máquinas e gabinetes espalhados por outras instituições; pela doação de objetos de arte e da Antiguidade pela família real; pelas coleções existentes na Casa dos

Pássaros⁹; pela coleção de mineralogia (Coleção Werner); e por peças etnográficas provenientes das províncias do Brasil.¹⁰ O museu está vinculado ao Fórum de Ciência e Cultura (FCC) da UFRJ. A atividade de memória do Museu Nacional/UFRJ se distribui no seu acervo do seguinte modo: bibliográfico (como livros, folhetos, periódicos, teses, dissertações, etc.); científico (exemplares da biodiversidade, fósseis, objetos etnográficos e arqueológicos); e documental.¹¹

A coleção egípcia de múmias (considerada a maior da América Latina)¹² e o Bendegó (o maior meteorito brasileiro, com mais de cinco toneladas)¹³ estão entre os principais tesouros do seu acervo. Formado por uma massa compacta de ferro e níquel, o Bendegó foi encontrado em 1784 por um menino que pastoreava o gado no sertão da Bahia - e também é um dos maiores meteoritos do mundo.¹⁴ Vale ressaltar que o meteorito Bendegó foi um dos objetos que resistiu praticamente intacto ao incêndio do dia 2 de setembro de 2018. Em entrevista coletiva concedida à imprensa no dia seguinte ao incêndio, o professor e paleontólogo Alexander Kellner (diretor do Museu Nacional desde fevereiro de 2018) mencionou: “*Nós não pudemos averiguar ainda toda a extensão, mas conseguimos resgatar alguns meteoritos. O Bendegó resistiu. Da mesma forma, a instituição Museu Nacional vai resistir.*”¹⁵

Monteiro (2003) menciona que é no campo dos *media* que circulam as notícias, pois é nele que circula o discurso da opinião pública. Na contemporaneidade, “o saber fundamentado na autoridade daquele que fala passou a ser legitimado por aquele que ouve, a opinião pública” (IDEM, 2003, p. 140). Visando aprofundar o raciocínio sobre o assunto, cabe destacar a origem do termo *media*. Para Rodrigues (2016, p. 176):

O termo *médium* (no plural, *media*) é um termo latino que foi introduzido em inglês, no final do século XIX, nos Estados Unidos da América, no contexto cultural específico dessa época, para designar três inventos recentemente inventados: o telégrafo, a fotografia e a rádio. O que levava os americanos a designar estes inventos como *media* era o fato de tornarem possível a transmissão de mensagens

9 “Casa dos Pássaros” foi o nome dado ao Gabinete de Estudos de História Natural antes da criação do Museu Real. Fundado pelo vice-rei Dom Luis de Vasconcelos no período colonial, espécimes brasileiros eram empalhados e colecionados no local.

10 Disponível em: <<http://www.museunacional.ufrj.br/dir/acervo.html>> Acesso em: 10 jan.2020.

11 Idem.

12 Disponível em: <<http://www.museunacional.ufrj.br/dir/omuseu/omuseu.html#>> Acesso em: 12 jan.2020.

13 Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/09/02/museu-nacional-guarda-acervo-de-mais-de-20-milhoes-de-itens.ghtml>> Acesso em: 12 jan.2020.

14 Disponível em: <<http://www.museunacional.ufrj.br/dir/exposicoes/geologia/geo012.html>> Acesso em: 12 jan.2020.

15 Disponível em: <<https://ufrj.br/noticia/2018/09/03/reitor-e-diretor-do-museu-nacional-concedem-entrevista-imprensa>> Acesso em: 15 jan.2020.

entre pessoas distantes, objetivo que os médiuns também procuravam atingir nas sessões espíritas que surgiram nessa época.

Nesse sentido, a circulação das notícias ocorre no campo dos *media*, pois “conforme estabelece o conceito de *agenda-setting*, são as notícias que determinam quais os acontecimentos (assuntos e problemáticas) com direito à existência pública e que, por isso, figuram na agenda de preocupações da opinião pública” (MONTEIRO, 2003, p. 141). E vale salientar que a porção melhor da teoria da agenda foca no elo existente entre a agenda da mídia e a agenda do público, em decorrência de suas raízes teóricas na pesquisa sobre opinião pública (Mc COMBS, 2009).

Segundo laudo técnico da perícia realizada pela Polícia Federal divulgado em abril de 2019, o incêndio que devastou o Museu Nacional em setembro de 2018 teve início com a sobrecarga de um dos aparelhos de ar-condicionado do auditório, localizado no primeiro andar da construção¹⁶. A tragédia abriu enorme debate na opinião pública; e em conjuntura da gravíssima crise política, institucional e econômica no país, o evento suscitou discussões sobre carência orçamentária e de infraestrutura nas universidades públicas, ausência de políticas de cultura no Brasil, modalidades de captação e gestão de recursos na esfera pública, privatização de museus e reforma do Estado (SÁ et al., 2018).

Após o incêndio, a equipe responsável pela assessoria de comunicação do Museu Nacional se dividiu em dois grupos: enquanto parte se dirigia à Quinta da Boa Vista, em São Cristóvão (para atender aos jornalistas que já estavam no local, ávidos por informações), a outra parte permanecia em casa, com computadores e smartphones, para atender às inúmeras demandas da imprensa. E como as notícias dão significados aos acontecimentos (MONTEIRO, 2003), vale frisar que o termo *media* é utilizado para se referir a todo invento ou objeto técnico mediador da experiência humana com o ambiente natural, onde são entendidas como mídias todas as tecnologias, desde a pedra lascada aos mais avançados smartphones (RODRIGUES, 2016; McLUHAN, 1994).

O incêndio acontecera meses após o Museu Nacional completar duzentos anos. Comemorado no dia 6 de junho de 2018, o bicentenário da instituição contou com farta programação - assunto a ser tratado no tópico a seguir.

3. Dia 6 de junho de 2018: comemorando o bicentenário do Museu Nacional

¹⁶ Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-04/incendio-no-museu-nacional-comecou-em-ar-condicionado-do-auditorio>> Acesso em: 01mar 2020.

Em junho de 2018, o Museu Nacional recebeu atenções especiais da sociedade e da imprensa. A programação de eventos comemorativos dos seus 200 anos acabou gerando farto noticiário jornalístico sobre a instituição no ano supracitado. Para Duarte (2003, p. 239), “eventos são uma atividade típica de relações públicas, mas, se podem chamar a atenção de jornalistas, passam a exigir atenção especial.” Em maio de 2018 (praticamente um mês antes do seu bicentenário), foi lançada a exposição “O Museu dá Samba - A Imperatriz é o Relicário no Bicentenário do Museu Nacional”. Inaugurada no dia 18 de maio (data em que se comemora o Dia Internacional dos Museus) por Alexander Kellner, diretor da instituição, a mostra contou com trinta fantasias apresentadas nas principais salas das exposições do Museu Nacional, e teve a presença da bateria da escola de samba carioca Imperatriz Leopoldinense.¹⁷ Cabe registrar que, no carnaval carioca de 2018, a Imperatriz Leopoldinense teve como enredo os 200 anos do Museu Nacional, intitulado: “Uma noite real no Museu Nacional”.¹⁸

Prosseguindo com as homenagens, a Casa da Moeda lançou uma medalha comemorativa pelo bicentenário do Museu Nacional. Ao todo, foram cunhadas 550 unidades, com 50 milímetros de diâmetro, sendo 50 unidades na versão prata dourada, 100 em prata e 400 em bronze.¹⁹ As medalhas apresentam uma vista do prédio do Museu Nacional feita a partir de um drone, e também trazem imagens de peças significativas das coleções que integravam o acervo da instituição antes do incêndio, como o dinossauro *Maxakalisaurus topai*, as múmias egípcias, o bicho-preguiça gigante e o esqueleto de Luzia, o fóssil humano mais antigo do Brasil.²⁰ Cabe frisar que, em outubro de 2018 (um mês após o incêndio), o esqueleto de Luzia foi retirado dos escombros do Museu Nacional e, segundo Claudia Carvalho²¹, será possível recuperar quase todo o material encontrado, já que 80% do crânio de Luzia estava visível após o resgate.²² Visando organizar o trabalho de recuperação do material que ficou sob os escombros, foi criado o Núcleo de Resgate de Acervos Científicos. Composto por 76 pessoas - entre técnicos, professores, estudantes e profissionais terceirizados -, o núcleo

17 Disponível em: <<https://forum.ufjf.br/index.php/reetrospectiva/670-museu-nacional-da-ufjf-inaugura-exposicao-de-fantasias-do-carnaval-da-imperatriz-leopoldinense>> Acesso em: 01 mar.2020.

18 Disponível em :<<http://www.museunacional.ufjf.br/destaques/samba.html>> Acesso em: 01 mar.2020.

19 Disponível em: <<http://www.museunacional.ufjf.br/destaques/medalhacomemorativa.html>> Acesso em: 01 mar.2020.

20 Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/casa-da-moeda-lanca-moeda-comemorativa-dos-200-anos-do-museu-nacional-22747161>> Acesso em: 01 mar.2020.

21 Claudia Carvalho e Luciana Carvalho coordenam a equipe de resgate pós-incêndio do Museu Nacional.

22 Disponível em: <<https://ufjf.br/noticia/2018/10/19/museu-nacional-resgata-luzia-fossil-humano-mais-antigo-do-brasil>> Acesso em: 01 mar.2020.

passou a trabalhar em prol da recuperação do maior número possível de peças²³. Juntamente com o auxílio de pesquisadores voluntários, a iniciativa possibilitou dar início ao minucioso trabalho de “garimpo” do acervo do museu, em meio ao enorme sítio arqueológico que surgiu no Palácio Imperial após o incêndio.

Retomando a análise das atividades comemorativas do bicentenário do Museu Nacional, é interessante observar que foi lançada uma campanha de financiamento coletivo (*crowdfunding*) para a reabertura da sala onde ficava o esqueleto do *Maxakalisaurus topai*, conhecido como “Dinoprata”. Com 13 metros da cauda à cabeça, o “Dinoprata” foi o primeiro dinossauro de grande porte montado no Brasil, e a sua sala era uma das principais atrações do museu.²⁴ No fim do ano de 2017, um ataque de cupins destruiu a estrutura de sustentação onde ficava o *Maxakalisaurus topai*, que foi desmontada por motivo de segurança.²⁵

Steffen (2015) define *crowdfunding* como a modalidade de financiamento coletivo através de plataformas digitais, onde os usuários da internet são convidados a apoiar financeiramente projetos com os mais variados objetivos, que devem obrigatoriamente apresentar algum tipo de recompensa aos apoiadores. No *crowdfunding* para a reconstrução da sala do *Maxakalisaurus topai*, as recompensas para os financiadores iam de réplicas de dentes de dinossauros, camisetas, canecas e até um desenho original do paleoartista Maurílio Oliveira.²⁶ Baseado no coletivo e na contemporaneidade, o *crowdfunding* se utiliza da comunicação, entendida aqui como um processo de construção e disputa de sentidos, que vai se (re)configurando no contexto das relações organizacionais (BALDISSERA, 2009).

No dia 6 de junho de 2018, Alexander Kellner assinou um contrato com o BNDES prevendo o repasse de R\$ 21,7 milhões para reformar áreas importantes do museu, como a biblioteca, o telhado e os aposentos de D. Pedro II.²⁷ O auxílio era muito bem-vindo, pois já havia uma redução na transferência de recursos financeiros por parte do MEC e, como consequência, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ (a

23 Disponível em: <<https://ufjf.br/noticia/2019/09/20/ufjf-lanca-documentario-sobre-o-resgate-do-acervo-do-museu-nacional>> Acesso em: 05 mar.2020.

24 Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-05/campanha-quer-reabrir-sala-de-dinossauros-do-museu-nacional>> Acesso em: 02 mar.2020.

25 Disponível em: <<https://ufjf.br/noticia/2018/05/28/museu-nacional-lanca-campanha-de-financiamento-coletivo>> Acesso em: 02 mar.2020.

26 Idem.

27 Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/bicentenario-museu-nacional-devera-investir-217-milhoes-em-reformas-22753320>> Acesso em: 01 mar.2020.

quem o Museu é vinculado). O maior museu latino-americano recebia um orçamento anual de cerca de R\$ 550.000,00 - e tal verba vinha despencando nos anos anteriores.²⁸ A ajuda financeira finalmente havia chegado; porém:

a maior ironia de toda essa situação é o fato de que, depois de décadas de descaso, a instituição havia finalmente conseguido um financiamento por parte do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) que previa, inclusive, sistemas de prevenção de incêndios e antipânico. Infelizmente, tarde demais. (KELLNER, 2019, p.5)

E se por um lado “as notícias eram dilacerantes para profissionais e estudantes da instituição, que celebrava seus dois séculos de existência no mesmo ano do desastre” (SÁ et al., 2018, p. 2), por outro lado, era necessário reerguer o Museu Nacional das cinzas.

4. Assessoria de Imprensa e Comunicação de Crise: reflexões sobre a identidade do Museu Nacional

Porém, depois de toda catástrofe, sempre há o dia seguinte. Sem procurar mitigar os efeitos trágicos do incêndio, abre-se agora uma nova janela de oportunidade: a de reconstruir o museu, de forma que este sirva de modelo para outras instituições! (KELLNER, 2019, p.5)

O trabalho de gerenciamento de crise do Museu Nacional começou logo após o início do incêndio do dia 2 de setembro de 2018. De acordo com Forni (2013), existem pressupostos gerais para classificar situações ocorridas nas instituições como uma crise, dentre as quais: acontecimento não planejado; repentino; envolve muitas pessoas; causa confusão, quando não pânico; ameaçador; desperta o interesse público; gera más notícias; necessita de imediata atenção; produz informações desconstruídas e fora de controle.

De acordo com a Trevo Soluções em Comunicação²⁹, durante as oito primeiras horas após o início do incêndio (quando o Palácio Imperial, sede do Museu Nacional, ainda era destruído pelas chamas), foi necessário atender prontamente às solicitações dos jornalistas. De modo geral, as informações solicitadas pela imprensa eram referentes à/às: descrição das salas e cômodos da instituição; localização das peças e coleções do acervo; peças do acervo mais protegidas (e as mais raras); origem das peças do acervo, dentre outras. Na manhã do dia 3 de setembro, jornalistas brasileiros e

²⁸ Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/homenagem-e-clamor-pelo-museu-nacional/>> Acesso em: 01 mar.2020.

²⁹ Consultoria de comunicação contratada pelo Museu Nacional. É a empresa responsável pelo gerenciamento de crise, imagem e reputação da instituição.

estrangeiros se concentravam no jardim em frente ao Palácio Imperial para a cobertura do incêndio, buscando entrevistar pesquisadores e funcionários do Museu Nacional - e até mesmo conversar com integrantes do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro (CBMERJ), que ainda atuavam no combate às chamas. E seja no processo de expandir ou de reduzir a crise, a imprensa possui um papel fundamental, pois quando ela descobre na crise uma oportunidade de aumentar a audiência (sobretudo quando a organização é sobejamente conhecida), não titubeia (BUENO, 2009). E na própria manhã do dia 3 de setembro, Roberto Leher (reitor da UFRJ) e Alexander Kellner estavam presentes na Quinta da Boa Vista para avaliar o impacto do incêndio e conversar com a imprensa.³⁰

Para Forni (2013), existem três palavras implícitas na boa comunicação de crise: abertura, velocidade e inteligibilidade. Nesse contexto, a equipe responsável pela comunicação do Museu Nacional durante o ocorrido³¹ pensou em montar o escritório de crise na sede de uma instituição próxima - ou mesmo no Horto Botânico, na Quinta da Boa Vista, que também pertence ao Museu Nacional. No entanto, devido ao intenso movimento de jornalistas no local, a decisão foi por criar um escritório provisório no jardim do museu, ao ar livre, a poucos metros do prédio. E em meio ao turbilhão de acontecimentos, o escritório ao ar livre acabou auxiliando no processo de identificação dos porta-vozes, bem como na aproximação entre os mesmos e os jornalistas. E quando se trata de comunicação de crise, um dos principais elementos é a escolha do(s) porta-voz(es), que são as fontes indicadas para dar entrevistas em nome da empresa, funcionando como “a voz e o rosto” da organização (FORNI, 2013).

Visando estruturar a transmissão de informações, uma das decisões táticas da equipe de comunicação foi organizar coletivas de imprensa ao longo do dia, já que as mesmas são particularmente úteis em situações emergenciais, quando muitos jornalistas procuram a instituição ao mesmo tempo (DUARTE, 2003). Os porta-vozes designados foram: o professor Alexander Kellner (diretor do Museu Nacional); a professora Cristiana Serejo (vice-diretora); Luiz Fernando Duarte (diretor adjunto); e Claudia Carvalho (coordenadora da equipe de resgate pós-incêndio do museu). Ao todo, na primeira semana, foram realizadas 15 entrevistas (entre individuais e coletivas), além das que foram concedidas via telefone, email, WhatsApp - e também as entradas ao vivo

30 Disponível em: <<https://ufrj.br/noticia/2018/09/03/reitor-e-diretor-do-museu-nacional-concedem-entrevista-imprensa>> Acesso em: 04mar. 2020.

31 A equipe foi composta do seguinte modo: três membros da Coordenadoria de Comunicação e Eventos do Museu Nacional e dois integrantes da consultoria Trevo Soluções em Comunicação.

em emissoras de TV e de rádio.³² Nesse sentido, as noções de mídia, tecnologia e comunicação parecem centrais na reflexão sobre a área de conhecimento da comunicação, partindo do sentido de mediação técnica desta noção (BRAGA, 2016).

Todavia, aos poucos, a equipe responsável pela comunicação do museu sentiu a necessidade de mudar o enfoque da divulgação. Ou seja, passado o trauma do incêndio (e o atendimento à sua demanda de informações), o trabalho junto à imprensa deveria enfatizar que o “Museu Vive!” Desse modo, a equipe abraçou a missão de mostrar que a instituição seguia atuante e única - e, em prol do seu reerguimento, estava se adaptando à nova realidade pós-incêndio. O fogo não destruiu a identidade do museu, pois a identidade é a essência de uma organização, é o que faz a ligação entre o presente e o passado e, provavelmente, com o futuro (ALMEIDA, 2009).

Ainda segundo a autora (2009), a permanência é uma das características de uma instituição, o que perpassa gerações, o que se mantém ao longo do tempo. E em se tratando do Museu Nacional:

Sua marca histórica, como instituição científica de excelência, portanto, não foi suprimida com as chamas. A memória institucional pode mesmo ser preservada graças às análises históricas já disponíveis, tanto a importância de suas agendas de pesquisa e recursos humanos quanto o valor de seu acervo para diferentes áreas do conhecimento científico. (SÁ et al., 2018, p. 4)

Um dos eixos para o recomeço foi a campanha “Museu Nacional Vive”, conforme será apresentado no item a seguir.

5. E o Museu vive! : estratégias e táticas em prol da reconstrução

A campanha “Museu Nacional Vive” foi lançada em parceria com a UFRJ com o objetivo de mostrar que a instituição permanecia em atividade após o incêndio, já que as pesquisas, aulas de pós-graduação e ações de extensão seriam mantidas.³³ O projeto também contempla uma campanha de doações por meio de uma conta disponibilizada pelo Fundo de Apoio ao Museu Nacional.³⁴ De acordo com informações cedidas pela Trevo Soluções em Comunicação, o slogan “Museu Nacional Vive” começou a ser usado como *hashtag*³⁵, e passou a integrar todo o material de identidade visual da

³² Informações cedidas pela Trevo Soluções em Comunicação.

³³ Disponível em: <<https://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2018-09/museu-nacional-mostra-parte-do-acervo-ao-publico-depois-de-incendio>> Acesso em: 04mar. 2020.

³⁴ Disponível em: <<https://ufrj.br/museunacionalvive/apoie/comoapoiar>> Acesso em: 04mar. 2020.

³⁵ Uma *hashtag* é qualquer palavra ou frase precedida pelo símbolo cerquilha (#) muito utilizada entre os usuários das redes sociais. A cerquilha transforma qualquer expressão em um link indexador que faz com que seja mais fácil encontrar e seguir uma conversa sobre o assunto contido nela.

instituição. Em reportagem publicada pela Agência Brasil de Notícias, Alexander Kellner declarou:

O Museu Nacional está vivo e, dentro das circunstâncias que vivemos, estamos nos adaptando para mostrar à população o que estamos fazendo e trazer a população para junto da instituição neste momento tão difícil.³⁶

Ou seja, “Museu Nacional Vive” é um projeto que busca propor iniciativas para preservar a memória e resgatar a história da instituição após o incêndio. Jedlowski (2005, p. 87) menciona que a memória deve ser vista:

(...) não como um armazém, mas como uma pluralidade de funções interrelacionadas. O que chamamos de memória é uma rede complexa de atividades, cujo estudo mostra que o passado nunca permanece uno e idêntico a si, mas é constantemente selecionado, filtrado e restaurado por questões e necessidades do presente, tanto no nível individual quanto no social.

No site da campanha³⁷, existe um apelo para que as pessoas enviem fotografias do acervo do Museu Nacional e das suas salas de exposição por email (antes do incêndio). E por mais que novas memória e história institucionais não sejam capazes de evitar o trauma e nem mitigar as perdas (SÁ et al., 2018), é na tessitura entre o passado e o presente que o museu vem renascendo.

Com as atividades de resgate, foi possível descobrir coleções intactas entre os escombros. O trabalho contabilizou dois milhões de peças do acervo preservadas, fazendo com que o Museu Nacional ainda permaneça entre as instituições mais importantes da América Latina mesmo após o incêndio.³⁸

Nesse contexto, a estratégia de promover exposições em outros espaços foi adotada, visando gerar visibilidade para a instituição - e lembrar a todos do inestimável acervo que ainda era cuidado pela sua equipe. É importante observar que o Museu Nacional sempre possuiu uma história de dinamização frequente de suas áreas de pesquisa e demais atividades, como o ensino e a visitação pública (SÁ et al., 2018).

Sendo assim, em janeiro de 2019, o Museu Nacional inaugurou a exposição “Quando nem tudo era gelo - Novas Descobertas no Continente Antártico”, no Centro Cultural Museu Casa da Moeda do Brasil (Praça da República, no centro do Rio de Janeiro). Dentre as 160 peças do projeto (dedicado a coletar e estudar rochas e fósseis

36 Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-09/museu-nacional-mostra-parte-do-acervo-ao-publico-depois-de-incendio>> Acesso em: 04mar. 2020.

37 Disponível em: <<https://ufrj.br/museunacionalvive/apoie/comoapoiar>> Acesso em: 04mar. 2020.

38 Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-09/museu-nacional-mostra-parte-do-acervo-ao-publico-depois-de-incendio>> Acesso em: 04mar. 2020.

da Antártida), oito foram resgatadas dos escombros do incêndio.³⁹ Em fevereiro de 2019, foi inaugurada no Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB/RJ) a exposição “Museu Nacional Vive - Arqueologia do Resgate”. A mostra reuniu 180 peças, sendo que 103 foram resgatadas da instituição após o incêndio; já as outras 77 também fazem parte de coleções do museu, mas foram preservadas por estarem fora da área do fogo ou emprestadas.⁴⁰

No dia 8 de junho de 2019, o Museu Nacional completou 201 anos. E para comemorar a data, foi realizado um evento nos dias 8 e 9 de junho na Quinta da Boa Vista, que teve no rol de atrações uma oficina onde vários pesquisadores apresentaram os trabalhos do resgate - e posteriormente integraram uma roda de conversa sobre o período pós-incêndio. No mês de agosto de 2019, as obras para escoramento, estruturação, instalação de telhado e proteção do edifício chegaram ao fim.⁴¹ E como a instituição permanece pulsando, nos dias 31 de agosto e 1º de setembro, das 10h às 16h, o Museu Nacional/UFRJ, em parceria com o Sesc RJ, promoveram o “Festival Museu Nacional Vive”, na Quinta da Boa Vista⁴². O evento teve mais duas edições no mesmo ano: em outubro e dezembro.

Em setembro de 2019, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) lançou, através da sua WebTV, o documentário “Resgates”.⁴³ Com duração de 38 minutos, o filme apresenta o trabalho de recuperação do material que ficou sob os escombros após o incêndio no Palácio Imperial de São Cristóvão, sede do Museu Nacional.⁴⁴

A estratégia de lançar exposições em outros estados do Brasil chegou até o Distrito Federal. No dia 17 de setembro, a exposição “Museu Nacional Vive: Memórias e Perspectivas” foi inaugurada no Congresso Nacional, em Brasília.⁴⁵ A mostra reuniu uma série de painéis na galeria de acesso ao plenário, contando a história da instituição desde a inauguração (no ano de 1818) até os meses após o incêndio. Segundo Alexander

39 Disponível em: < <http://www.sibi.ufrj.br/index.php/inicio/163-museu-nacional-apresenta-a-exposicao-quando-nem-tudo-era-gelo-novas-descobertas-no-continente-antartico> > Acesso em: 04mar. 2020.

40 Disponível em: < <https://forum.ufrj.br/index.php/2-uncategorised/737-ccbb-inaugura-exposicao-com-pecas-resgatadas-do-incendio-do-museu-nacional> > Acesso em: 04mar. 2020.

41 Disponível em: < <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-08/reconstrucao-do-museu-nacional-entra-em-nova-fase> > Acesso em: 04mar. 2020.

42 Disponível em: <<https://eventos.ufrj.br/evento/festival-museu-nacional-vive/>> Acesso em: 04mar. 2020.

43 Disponível em: < <https://ufrj.br/noticia/2019/09/20/ufrj-lanca-documentario-sobre-o-resgate-do-acervo-do-museu-nacional> > Acesso em: 05mar. 2020.

44 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JvOPs4De4Sk&t=1226s>> Acesso em: 05mar. 2020.

45 Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/a-camara/visiteacamara/cultura-na-camara/historia-arte-e-cultura/exposicoes-2019/o-museu-nacional-vive-memorias-e-perspectivas>> Acesso em: 05mar.2020.

Kellner, o projeto tem como objetivo “*dar visibilidade às ações no centro político do nosso país*”.⁴⁶

Aprofundando o raciocínio anterior, Alexander Kellner menciona no documentário “Resgates”: “*O Museu Nacional não pertence a um grupo de pessoas. O Museu Nacional pertence à sociedade brasileira*”.⁴⁷ E enquanto a instituição não reabre definitivamente as suas portas, prossegue mostrando a sua importância pelo país. As obras emergenciais já chegaram ao fim, e a fase de reconstrução da fachada e da instalação do telhado definitivo foram iniciadas em 2019. A reabertura da instituição está prevista para o ano de 2022, como parte das comemorações pelo bicentenário da Independência do Brasil.⁴⁸

6. Considerações finais

Para Durkheim (1996), comungar na tristeza também é comungar, já que toda comunhão das consciências é capaz de elevar a vitalidade social. Seguindo esse raciocínio, a trama social proporcionada pelo sentimento de perda pós-incêndio do museu funcionou como élan. Nesse contexto, a ideia do élan deve ser percebida como impulso, onde a comunicação e a tecnologia podem ser vistas como elementos que podem mudar a consciência coletiva de uma sociedade (IDEM, 2007). A partir de então, as práticas comunicacionais do Museu Nacional deixaram de enfatizar apenas a tragédia, e passaram a divulgar que a instituição não estava “morta”. Através da campanha “Museu Nacional Vive”, foi possível chamar ainda mais atenção para a importância da recuperação da instituição bicentenária. Nos últimos dezoito meses, o trabalho da equipe de comunicação do Museu Nacional foi capaz de conscientizar pessoas físicas e jurídicas sobre a necessidade de participar do seu processo de “renascimento”, já que a política de comunicação é um compromisso que se assume, não vigorando apenas no discurso, mas pressupondo um trabalho sério, de construção coletiva (BUENO, 2009). E a reconstrução da instituição é uma causa que vem sendo abraçada por muitos. O cantor e compositor Nando Reis doou a sua coleção de conchas para o setor de Malacologia do Museu Nacional.⁴⁹ Caetano Veloso e a empresária Paula

46 Disponível em: <<https://forum.ufjf.br/index.php/destaques/960-um-ano-apos-incendio-museu-nacional-faz-balanco-anuncia-parcerias-e-projeta-reinauguracao-parcial-em-2022>> Acesso em: 05mar.2020.

47 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JvOPs4De4Sk&t=1226s>> Acesso em: 05mar. 2020.

48 Disponível em: <<https://forum.ufjf.br/index.php/destaques/960-um-ano-apos-incendio-museu-nacional-faz-balanco-anuncia-parcerias-e-projeta-reinauguracao-parcial-em-2022>> Acesso em: 05mar. 2020.

49 Disponível em: < <https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/nando-reis-e-sua-doacao-para-o-museu-nacional.html>> Acesso em: 10mar. 2020.

Lavigne doaram parte do Imposto de Renda para ajudar no reerguimento do Palácio.⁵⁰ Vale frisar que, quando machucado dolorosamente, o sentimento social se apresenta mais vivo e atuante do que nunca (DURKHEIM, 1996). Do pranto em comum, emerge a coletividade (IDEM, 1996). Por isso, as chamas do dia 2 de setembro de 2018 não foram capazes de devorar a fênix Museu Nacional.

Referências

ABREU, Regina Maria do Rego Monteiro de. A capital contaminada - a construção da identidade nacional pela negação do espírito carioca. In: LOPES, Antônio Herculano (Org.). **Entre a Europa e a África: a invenção do carioca**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Topbooks, 2000.

ALMEIDA, Ana Luisa de Castro. Identidade, imagem e reputação organizacional: conceitos e dimensões da práxis. In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling (Org.). **Comunicação Organizacional: linguagem, gestão e perspectivas**, volume 2. São Paulo: Saraiva, 2009.

BALDISSERA, Rudimar. **Comunicação Organizacional na perspectiva da complexidade**. In: Revista Organicom (USP), v. 10-11, 2009. p. 115-120, 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/139013>> Acesso em 05 fev. 2020.

BRAGA, Adriana. Que comunicação ensina afinal o curso de Comunicação? In: BRUCK, Mozahir Salomão; OLIVEIRA, Max Emiliano (Orgs.) **Atividade comunicacional em ambientes midiáticos: reflexões sobre a obra de Adriano Duarte Rodrigues**. São Paulo: Intermeios, 2016.

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação empresarial: políticas e estratégias**. São Paulo: Saraiva, 2009.

DANTAS, Regina Maria Macedo Costa. **A Casa do Imperador: do Paço de São Cristóvão ao Museu Nacional**. Dissertação de Mestrado em Memória Social - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO). Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://www.museunacional.ufrj.br/casadoimperador/img/Dissertacao%20-%20A%20CASA%20DO%20IMPERADOR.pdf>> Acesso em 05 fev. 2020.

DUARTE, Jorge. Produtos e Serviços de uma Assessoria de Imprensa. In: DUARTE, Jorge (Org.) **Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia: teoria e técnica**. São Paulo: Atlas, 2003.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **As Regras do Método Sociológico**. 3. ed. Traduzido por Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FORNI, João José. **Gestão de Crises e Comunicação: o que gestores e profissionais precisam saber para enfrentar crises corporativas**. São Paulo: Atlas, 2013.

50 Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/cultura/caetano-doa-imposto-de-renda-para-museu-nacional-saiba-como-doar-tambem-24147290>> Acesso em: 10mar. 2020.

JEDLOWSKI, Paolo. Memória e a mídia: uma perspectiva sociológica. In: SÁ, Celso Pereira de. (Org.) **Imaginário e representações sociais**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005.

KELLNER, Alexander Wilhelm Armin. **A reconstrução do Museu Nacional**: bom para o Rio, bom para o Brasil. In: Revista Ciência e Cultura, volume 71, p.4-5, 2019. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v71n3/v71n3a02.pdf>> Acesso em: 05 fev. 2020.

McCOMBS, Maxwell. **A teoria da agenda - A mídia e a opinião pública**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

McLUHAN, Marshall. **Understanding Media: The Extensions of Man**. Cambridge, MITPress, 1994.

MONTEIRO, Graça França. A notícia institucional. In: DUARTE, Jorge (Org.) **Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia**: teoria e técnica. São Paulo: Atlas, 2003.

OBERACKER JÚNIOR, Carlos H. **A Imperatriz Leopoldina**: sua vida e sua época. Rio de Janeiro: CFC; IHGB, 1973.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O que são afinal os *media*? In: BRUCK, Mozahir Salomão; OLIVEIRA, Max Emiliano (Orgs.) **Atividade comunicacional em ambientes mediáticos**: reflexões sobre a obra de Adriano Duarte Rodrigues. São Paulo: Intermeios, 2016.

SÁ, Dominichi Miranda de; SÁ, Magali Romero; LIMA, Nísia Trindade. **O Museu Nacional e seu papel na história das ciências e da saúde no Brasil**. In: Cadernos de Saúde Pública, v. 34, p. 1-5, 2018. Disponível em: < <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/33070>> Acesso em: 05 fev. 2020.

STEFFEN, César. **Meios digitais participativos e economia criativa**: uma exploração das plataformas Brasileiras de crowdfunding. In: Texto (UFRGS. Online), v. 1, p. 1-1, 2015. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/47816/34003>> Acesso em 02 mar. 2020.